REVISTA SAÚDE DOS VALES

ISSN: 2674-8584 V.10 – N.01 – 2025
DOI: 10.61164/420sq521

PAPEL DA EQUIPE DE ENFERMAGEM NO ATENDIMENTO A URGÊNCIA E EMERGÊNCIA

THE ROLE OF THE NURSING TEAM IN EMERGENCY AND URGENCY CARE

Daniel de Oliveira Ribeiro
Acadêmico do 10° período do curso de Enfermagem,
Centro Universitário UniBRAS Rio Verde.
E-mail: danieloliverriber@gmail.com

Gleyce Kelly Silva
Coordenadora do curso de Enfermagem,
Centro Universitário UniBRAS Rio Verde.
E-mail:gleyce.silva@braseducacional.com.br

Recebido:15/09/2025 - Aceito: 29/09/2025

RESUMO

O atendimento de enfermagem em contextos de urgência e emergência constitui uma prática indispensável para a manutenção da vida, exigindo rapidez, precisão técnica e postura humanizada. O presente estudo, desenvolvido por meio de revisão narrativa da literatura, teve como objetivo analisar a atuação da equipe de enfermagem nesses cenários, destacando seus principais desafios e estratégias de cuidado. Evidenciou-se que a enfermagem ocupa posição central desde a triagem inicial, utilizando protocolos como a Classificação de Risco e o Protocolo de Manchester, até a estabilização do paciente crítico, garantindo segurança e continuidade do cuidado. Entre os desafios identificados, destacam-se a sobrecarga de trabalho, a limitação estrutural de muitas unidades, o estresse ocupacional e a necessidade permanente de capacitação técnica. Observou-se ainda que a humanização, frequentemente negligenciada em ambientes de alta demanda, constitui elemento essencial para reduzir impactos emocionais e fortalecer a confiança dos pacientes e familiares no serviço. O estudo ressalta também a importância da educação continuada, do domínio de tecnologias médicas e da integração multiprofissional para elevar a qualidade do atendimento. Conclui-se que a prática da enfermagem em urgência e emergência demanda atualização constante, suporte institucional e fortalecimento da humanização, de modo a assegurar uma assistência ágil, segura e resolutiva.

Palavras-chave: Enfermagem; Urgência e emergência; Humanização; Triagem; Protocolos assistenciais.

ABSTRACT

Nursing care in emergency settings is essential for preserving life, requiring speed, technical precision, and a humanized approach. This study, based on a narrative literature review, aimed to analyze the role of nursing teams in urgent and emergency care, emphasizing their main challenges and strategies. Findings indicate that nursing plays a central role from the initial triage, using tools such as Risk Classification and the Manchester Protocol, to the stabilization of critically ill patients, ensuring safety and continuity of care. Among the challenges identified are work overload, structural limitations in health units, occupational stress, and the ongoing need for professional training. Furthermore, humanization, often overlooked in high-demand environments, is crucial to reducing emotional impacts and strengthening patient and family trust in health services. The study also highlights the importance of continuing education, mastery of medical technologies, and multiprofessional integration to enhance the quality of care. It is concluded that nursing practice in emergency care requires constant updating, institutional support, and reinforcement of humanization, in order to ensure agile, safe, and effective assistance.

Keywords: Nursing; Emergency care; Humanization; Triage; Care protocols.

1.INTRODUÇÃO

O atendimento a urgências e emergências exige uma atuação precisa e ágil dos profissionais de enfermagem, que desempenham um papel fundamental na estabilização do paciente e na condução dos primeiros procedimentos assistenciais. A equipe de enfermagem é responsável por avaliar, classificar e intervir de maneira eficiente (DANTAS *et al*., 2015). Em um ambiente onde segundos podem definir desfechos críticos, a atuação profissional e a aplicação de protocolos padronizados tornam-se indispensáveis para a efetividade do atendimento.

As unidades de urgência e emergência funcionam como porta de entrada para atendimentos de saúde que variam conforme a gravidade: desde casos de urgência (que demandam atenção rápida, mas sem risco imediato de vida, como dores moderadas ou infecções simples) até emergências (situações de risco vital que exigem intervenção imediata, como paradas cardiorrespiratórias ou traumas graves) (FILHO *et al*., 2016). A utilização de escalas de priorização permite otimizar os fluxos de atendimento e garantir que recursos assistenciais sejam alocados de forma eficiente, reduzindo complicações evitáveis e melhorando os indicadores de morbimortalidade.

A humanização do atendimento também se apresenta como um desafio nesses setores, uma vez que a alta demanda, a sobrecarga da equipe e a urgência dos casos podem comprometer a qualidade da comunicação com o paciente e seus familiares. No entanto, mesmo diante da pressão assistencial, a enfermagem tem a responsabilidade de proporcionar um acolhimento adequado, baseado em uma abordagem empática e resolutiva (DANTAS *et al*., 2015; SANTOS, 2022). O cuidado humanizado na urgência e emergência contribui para minimizar o impacto emocional dos pacientes e otimizar a adesão ao tratamento proposto.

A organização do fluxo de atendimento, o gerenciamento de insumos, a supervisão da equipe e a implementação de protocolos clínicos são atividades que garantem um funcionamento eficiente dessas unidades (OLIVEIRA, 2017). A enfermagem também participa ativamente da educação em saúde, orientando pacientes e familiares sobre cuidados pós-atendimento e promovendo estratégias de prevenção que reduzem a reincidência de casos evitáveis.

Desafios como sobrecarga de trabalho, infraestrutura inadequada e necessidade de capacitação contínua podem comprometer a qualidade do atendimento prestado. Diante desse cenário, quais os principais obstáculos que os enfermeiros enfrentam no cuidado a pacientes em situações de urgência e emergência, e que caminhos podem ser trilhados para potencializar sua prática, garantindo assistência ágil, segura e humanizada?"

A demanda crescente por atendimentos em unidades de urgência e emergência torna essencial a atuação dos profissionais de enfermagem para lidar com situações de alta complexidade. A triagem correta, o manejo rápido de agravos e a comunicação eficaz são aspectos que impactam diretamente na sobrevida e na recuperação dos pacientes (DANTAS *et al*., 2015).

A otimização do atendimento emergencial requer um olhar atento às dificuldades enfrentadas pelos enfermeiros, incluindo a necessidade de suporte psicológico para lidar com a carga emocional do trabalho, a adequação da infraestrutura hospitalar e a ampliação de treinamentos específicos para atuação em urgências e emergências.

Tem-se como propósito central examinar a atuação da equipe de enfermagem no cenário de urgência e emergência, abrangendo desde a triagem inicial até a estabilização e cuidado integral ao paciente. Para isso, busca-se revelar os principais desafios que permeiam o cotidiano dos enfermeiros em situações críticas, destacando as barreiras que impactam a eficácia do atendimento; analisar em que medida os protocolos de triagem e classificação de risco conseguem otimizar a priorização de casos, assegurando assistência ágil e adequada; explorar como a capacitação contínua desses profissionais influencia diretamente a qualidade e a segurança do atendimento prestado e por fim, refletir sobre caminhos para fortalecer a humanização no ambiente emergencial, garantindo que a técnica e o acolhimento caminhem lado a lado.

MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, fundamentada em uma revisão narrativa da literatura. A pesquisa teve como objetivo analisar a atuação da equipe de enfermagem em contextos de urgência e emergência, destacando os principais desafios enfrentados e estratégias utilizadas para assegurar um atendimento seguro e humanizado. Para isso, foi realizada uma busca sistemática por materiais científicos nos seguintes bancos de dados eletrônicos: SciELO (Scientific Electronic Library Online), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) e Google Acadêmico. A busca foi realizada utilizando palavras-chave como: “enfermagem em urgência e emergência”, “classificação de risco”, “atendimento humanizado”, “protocolo de enfermagem”, combinadas por operadores booleanos “AND” e “OR” para ampliar a abrangência dos resultados.

Foram incluídos artigos disponíveis em português, com acesso completo e que abordassem diretamente a prática da enfermagem em serviços de urgência e emergência. Estudos que tratassem de forma superficial o tema, textos duplicados, dissertações, teses e artigos que não estivessem disponíveis em texto completo foram excluídos. Também foram desconsideradas publicações que não apresentassem respaldo teórico ou que não estivessem relacionados à realidade do Sistema Único de Saúde (SUS).

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O enfermeiro é o profissional na área da saúde que está presente em todas as unidades, sejam elas posto de saúde, hospital e similares. Sua atuação está centrada no

cuidado integral que vai desde a promoção até a reabilitação da saúde do indivíduo. É considerado um membro da equipe capaz de identificar problemas e decidir brevemente soluções para os mesmos, através de seu conhecimento teórico e prático referente aos agravos de saúde existentes (DANTAS *et al*., 2015).

As unidades de pronto atendimento e pronto socorro hospitalares são lugares para atendimentos de urgência e emergência, onde existe a classificação de risco para atendimentos de pessoas com risco de morte. Onde recebem primeiros atendimentos no lugar e são internadas ou encaminhada para outros hospitais de referências de acordo com cada caso e gravidade. A equipe de enfermagem é a primeira a ter contato com o paciente nesses lugares e o enfermeiro tem como atividade privativa realizar a classificação de risco.A equipe de enfermagem precisa mesmo em caso de emergência e urgência realizar acolhimento e atendimentos humanizado que nesse setor muitas vezes são esquecidos pelo protocolo e rotina existentes (DANTAS *et al*., 2015; FILHO *et al*., 2016).

Urgência e emergência são termos utilizados na área da saúde para descrever situações que requerem atendimento médico imediato devido à gravidade do quadro clínico apresentado pelo paciente. Urgência: A urgência refere-se a um problema de saúde que exige atenção médica imediata, mas que não representa risco imediato à vida do paciente. São situações que podem resultar em complicações se não forem tratadas prontamente. Exemplos de condições de urgência incluem crises de asma, cólicas renais, fraturas não expostas, febre alta em crianças, entre outros. O atendimento em casos de urgência é realizado em serviços de pronto atendimento, unidades básicas de saúde ou hospitais de pequeno porte (OLIVEIRA, 2017).

Emergência: A emergência, por sua vez, refere-se a uma situação de risco iminente à vida do paciente que requer atendimento médico imediato. São situações críticas que necessitam de intervenção imediata para evitar a morte ou sequelas graves. Exemplos de condições de emergência incluem parada cardíaca, acidente vascular cerebral (AVC) com déficits neurológicos importantes, traumatismo cranioencefálico grave, hemorragias severas, entre outros. O atendimento em casos de emergência é realizado em serviços de emergência hospitalar ou unidades de pronto-socorro (DOS SANTOS *et al*., 2019).

É importante destacar que a distinção entre urgência e emergência nem sempre é clara, e a avaliação do quadro clínico é realizada pelo profissional de saúde responsável pelo atendimento. Em casos de dúvida, é recomendado procurar atendimento médico imediato, seja em serviços de urgência ou emergência, para garantir a avaliação e o tratamento adequados. O tempo de espera para o atendimento pode variar de acordo com a gravidade e a demanda dos casos atendidos (DANTAS *et al*., 2015).

Em se tratando do papel da equipe de Enfermagem, esta deve, inclusive em caso de emergência e urgência, realizar acolhimento e atendimento que sejam humanizados. Isso pois, esse tipo de atendimento, em grande parte das vezes, é negligenciado devido à rotina existente que nesse setor muitas vezes são esquecidos pelo protocolo e rotina existentes (SANTOS, 2022).

Em grande parte das vezes, na urgência e emergência o enfermeiro atende a pacientes que enfrentam risco de morte ou que estão em sofrimento intenso. Desse modo, esse profissional deve prezar por uma assistência livre de riscos e danos ao paciente, por isso deve pautar-se em uma abordagem que seja mais humanizada possível (MOURA *et al*., 2014).

Nesse sentido, se faz necessário que o enfermeiro esteja imbuído de algumas habilidades, tais como a agilidade de raciocínio, a qual se faz essencial na tomada de decisão nas ações a serem realizadas. Além disso, é preciso estar atento às etapas do Processo de Enfermagem (PE), que é imprescindível para a organização e humanização

da assistência a ser prestada, corroborando o julgamento clínico. Para além do bom trato, uma assistência humanizada envolve o oferecimento de serviços que se utilizem das tecnologias, recursos humanos bem como materiais e infraestrutura, pois isso garante a segurança, o conforto e o bem-estar daqueles que utilizam dos serviços de saúde (SOUSA *et al*., 2019).

No contexto de situações que contemplam um grau maior de complexidade, como os atendimentos de urgência e emergência, os profissionais devem estar preparados e devidamente qualificados para poder realizar um atendimento adequado (LUCHTEMBERG; PIRES, 2016). Assim, na atualidade, potencializada pelo contexto de Pandemia de Covid-19, é comum ocorrer a lotação de unidades de urgência e emergência, onde muitos atendimentos nos prontos-socorros são de baixo risco, que poderiam ser facilmente contemplados pela Atenção Primária de Saúde, na Atenção Básica (BARATERI *et al*., 2017).

Segundo o autor Barateri *et al*. (2017), isto ocorre pela falta de organização efetiva dessas unidades, e pela falta de conscientização da população, pois muitas vezes, em decorrência desses fatores, a Atenção Básica não é vista como porta de entrada para o sistema público de saúde pela população.

A atuação da enfermagem em urgência e emergência é marcada pela necessidade de respostas rápidas e decisões assertivas frente a situações que envolvem risco iminente de vida. Nesse cenário, o enfermeiro desempenha papel essencial na coordenação da equipe e na execução de protocolos clínicos, sendo responsável por avaliar, classificar e priorizar os atendimentos conforme a gravidade do paciente. A eficiência dessas ações está diretamente relacionada ao preparo técnico e científico dos profissionais de enfermagem, que necessitam de atualização constante para garantir segurança e qualidade no cuidado (LIMA et al., 2022).

A implantação de protocolos como o Advanced Trauma Life Support (ATLS) e o Suporte Avançado de Vida Cardiovascular (ACLS) exige que enfermeiros de urgência possuam habilidades específicas, tanto no reconhecimento de sinais de instabilidade quanto na aplicação de manobras de suporte básico e avançado de vida. Estudos demonstram que a capacitação contínua da equipe de enfermagem eleva significativamente a taxa de sobrevida dos pacientes críticos (SILVA; LOPES; ANDRADE, 2021).

Outro aspecto relevante no contexto de urgência e emergência é a triagem, geralmente realizada por enfermeiros, utilizando metodologias como o Protocolo de Manchester. Essa ferramenta permite organizar o fluxo de pacientes de acordo com a gravidade clínica, reduzindo a sobrecarga nos serviços e direcionando recursos de maneira mais eficiente. A presença do enfermeiro nesse processo é crucial, uma vez que sua avaliação inicial determina a prioridade do atendimento (COSTA et al., 2019).

Além das competências técnicas, a enfermagem em urgência precisa lidar com a dimensão humanizada do cuidado, mesmo em ambientes de alta pressão. O contato direto com pacientes em sofrimento físico e emocional exige do profissional não apenas rapidez, mas também empatia e comunicação eficaz. A literatura aponta que a humanização na emergência contribui para reduzir o estresse do paciente e aumentar a confiança no atendimento (MARTINS; SOUZA, 2020).

A gestão da dor é outro desafio constante nas unidades de emergência, onde os enfermeiros têm papel fundamental na avaliação da intensidade, no registro adequado e na administração de intervenções farmacológicas e não farmacológicas. Pesquisas indicam que a avaliação sistemática da dor por protocolos melhora significativamente a recuperação do paciente e reduz complicações decorrentes do subtratamento (FERNANDES et al., 2021).

No cenário brasileiro, as demandas por enfermagem em urgência e emergência cresceram com o aumento de casos de doenças cardiovasculares e acidentes de

trânsito, principais causas de atendimentos críticos. Assim, a capacitação em suporte básico e avançado de vida torna-se indispensável, pois o enfermeiro muitas vezes é o primeiro profissional a intervir em casos de parada cardiorrespiratória (RIBEIRO; MOURA; SANTOS, 2022).

A comunicação entre equipes multiprofissionais é considerada determinante para a qualidade do atendimento em urgência. O enfermeiro, como elo entre médicos, técnicos e outros profissionais, precisa utilizar estratégias claras e objetivas, evitando falhas que possam comprometer o prognóstico do paciente. Ferramentas como o SBAR (Situação, Background, Avaliação, Recomendação) têm sido utilizadas com sucesso para estruturar a comunicação e reduzir erros (BARBOSA; VIEIRA; LIMA, 2021).

Outro ponto fundamental é o gerenciamento de recursos em situações críticas, especialmente em serviços públicos sobrecarregados. O enfermeiro deve ser capaz de priorizar insumos, organizar leitos e articular transferências, assegurando que os pacientes em maior risco recebam atenção imediata. Essa função organizacional reforça o protagonismo da enfermagem nos serviços de urgência (SANTOS et al., 2020).

A atuação em cenários de múltiplas vítimas, como acidentes com grande número de feridos, coloca em evidência a importância do preparo do enfermeiro em estratégias de disaster nursing. Nessas situações, os profissionais devem aplicar protocolos de triagem em massa e intervenções rápidas, minimizando danos coletivos. Estudos internacionais apontam que treinamentos simulados aumentam a eficácia da equipe em contextos de desastre (ALVES; GOMES; LIMA, 2022).

A atualização constante em tecnologias médicas também se faz necessária. Equipamentos como ventiladores mecânicos, desfibriladores e bombas de infusão requerem conhecimento específico para sua utilização correta em emergências. O domínio dessas tecnologias por enfermeiros é apontado como fator decisivo para reduzir erros e otimizar o tempo de resposta (NOGUEIRA; BATISTA; MENEZES, 2021).

O estresse ocupacional é uma realidade enfrentada pelos profissionais de enfermagem em urgência, dado o ritmo acelerado e a alta carga emocional do trabalho. Pesquisas revelam índices elevados de burnout entre enfermeiros de emergência, ressaltando a necessidade de políticas institucionais de apoio psicológico e gestão de carga horária para preservar a saúde dos trabalhadores (ARAÚJO; OLIVEIRA; FERREIRA, 2020).

A capacitação permanente em urgência e emergência deve ser entendida como requisito básico para a prática de enfermagem. Programas de educação continuada e treinamentos periódicos permitem que os profissionais mantenham suas habilidades atualizadas frente a novos protocolos internacionais, promovendo um cuidado mais seguro e eficiente (PEREIRA; SANTOS, 2019).

As intervenções de enfermagem no atendimento ao trauma destacam-se pela aplicação de medidas imediatas, como controle de hemorragias, estabilização de fraturas e manutenção da via aérea. Tais intervenções são apontadas pela literatura como determinantes na redução da mortalidade pré-hospitalar e intra-hospitalar em vítimas de trauma (CARVALHO; BRITO; NUNES, 2021).

O papel do enfermeiro em emergências pediátricas também merece destaque, uma vez que crianças apresentam respostas fisiológicas diferentes dos adultos, exigindo abordagem diferenciada. A literatura enfatiza que o preparo técnico e psicológico dos enfermeiros nessa área contribui para reduzir riscos e aumentar a confiança dos familiares no serviço de saúde (MORAES; BARBOSA; SANTANA, 2020).

Em relação às emergências obstétricas, a enfermagem atua de forma decisiva na prevenção e manejo de complicações como hemorragias pós-parto e eclâmpsia. Nessas situações, a agilidade na identificação de sinais de risco e na aplicação de protocolos pode salvar vidas maternas e neonatais (GOMES; SILVA; OLIVEIRA, 2021).

A integração entre serviços de urgência e a rede de atenção básica também depende da atuação de enfermeiros, que desempenham funções de orientação, encaminhamento e continuidade do cuidado. Essa articulação evita internações desnecessárias e contribui para a eficiência do sistema de saúde (MENDES; SOUZA, 2019).

Outro desafio relevante é a gestão da violência urbana e suas repercussões no atendimento emergencial. Enfermeiros de urgência frequentemente lidam com vítimas de agressões físicas, acidentes relacionados ao uso de drogas e ferimentos por armas de fogo. O preparo para esses cenários envolve tanto aspectos técnicos quanto psicológicos, dada a complexidade do contexto (FERREIRA; COSTA; VIEIRA, 2020).

A enfermagem também tem papel essencial no acompanhamento pós-atendimento, garantindo que pacientes críticos recebam orientações adequadas após estabilização, prevenindo reinternações e complicações. Essa continuidade do cuidado reforça a importância da enfermagem para além do atendimento imediato (SOUZA; LIMA, 2018).

O fortalecimento da prática baseada em evidências em urgência e emergência tem permitido que enfermeiros fundamentem suas decisões em protocolos validados cientificamente, aumentando a qualidade e a previsibilidade dos resultados. Isso aproxima a prática clínica da produção acadêmica, promovendo avanços no cuidado (MACHADO; ALMEIDA; FREITAS, 2021).

É inegável que a atuação da enfermagem em urgência e emergência constitui um eixo vital para o funcionamento do sistema de saúde, garantindo tanto o cuidado imediato ao paciente crítico quanto a organização e fluidez dos serviços. A valorização da formação continuada, o investimento em recursos e a promoção de ambientes de trabalho saudáveis são medidas fundamentais para fortalecer esse campo da enfermagem (OLIVEIRA; RODRIGUES; PEREIRA, 2020).

4. CONCLUSÃO

A atuação da equipe de enfermagem em contextos de urgência e emergência revela-se indispensável para a garantia de uma assistência ágil, segura e humanizada. O estudo evidenciou que a prática do enfermeiro vai além da execução de procedimentos técnicos, abarcando também funções de liderança, gerenciamento de recursos e articulação multiprofissional, aspectos essenciais para a eficiência do atendimento. A aplicação correta de protocolos de triagem e classificação de risco demonstrou ser um recurso estratégico para otimizar fluxos, reduzir complicações e assegurar a priorização de pacientes conforme a gravidade clínica.

Entretanto, diversos desafios se impõem à prática cotidiana, entre eles a sobrecarga de trabalho, a insuficiência de infraestrutura e os altos níveis de estresse ocupacional, que podem comprometer a qualidade assistencial. A humanização do cuidado, mesmo em cenários de alta pressão, surge como um elemento central, capaz de fortalecer a relação enfermeiro-paciente, reduzir impactos emocionais e favorecer a adesão ao tratamento. Para tanto, torna-se fundamental investir em políticas institucionais que promovam apoio psicológico, adequação de condições laborais e incentivo à comunicação eficaz entre os membros da equipe.

Outro ponto que se destacou foi a relevância da capacitação contínua dos profissionais, especialmente no domínio de tecnologias médicas, protocolos avançados de suporte à vida e estratégias de disaster nursing. A literatura aponta que programas permanentes de treinamento elevam significativamente a segurança dos atendimentos, aumentando taxas de sobrevida e reduzindo falhas em situações críticas. Assim, a educação em saúde, quando aliada à prática baseada em evidências, consolida-se como alicerce para uma assistência qualificada.

Diante disso, conclui-se que a valorização da enfermagem em urgência e emergência deve ocorrer em três eixos principais: (i) aprimoramento técnico-científico por meio de educação continuada; (ii) fortalecimento da humanização e da comunicação no cuidado; e (iii) implementação de políticas de gestão que assegurem melhores condições de trabalho e suporte aos profissionais. Somente a partir da integração desses fatores será possível potencializar a prática da enfermagem, garantindo que técnica e acolhimento caminhem em conjunto para atender, com excelência, às demandas crescentes dos serviços de urgência e emergência.

REFERÊNCIAS

ALVES, Camila P.; GOMES, Rodrigo H.; LIMA, Patrícia S. Atuação da enfermagem em situações de desastre: revisão integrativa. *Revista de Enfermagem UFPE On Line*, Recife, v. 16, n. 3, p. 1–9, 2022.

ARAÚJO, Marina F.; OLIVEIRA, Fabiana R.; FERREIRA, João C. Estresse ocupacional e burnout em enfermeiros de urgência e emergência. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 73, n. 2, e20180212, 2020.

BARATIERI, T.; ALMEIDA; HENRIQUE, L. M.; NATAL, S. Percepções de usuários atendidos em um Pronto Atendimento: olhar sobre a Atenção Primária à Saúde. *Espaço Saúde (Online)*, p. 54–63, 2017. Disponível em: https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-848256. Acesso em: 24 mar. 2025.

BARBOSA, André L.; VIEIRA, Marta G.; LIMA, Juliana P. Estratégias de comunicação em equipes multiprofissionais: aplicabilidade do método SBAR em enfermagem de emergência. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, v. 95, n. 33, p. e21033, 2021.

CARVALHO, Pedro H.; BRITO, Larissa M.; NUNES, Marcelo A. Intervenções de enfermagem no atendimento ao trauma: revisão sistemática. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 42, n. esp, p. e20200234, 2021.

COSTA, Rafael M.; FERREIRA, Ana P.; ANDRADE, Thiago S. Avaliação da efetividade do Protocolo de Manchester em serviços de urgência: uma revisão integrativa. *Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 4, p. e290412, 2019.

DANTAS, U. I. B. *et al*. O trabalho dos enfermeiros no setor de urgência: limites e perspectivas. *Revista de Enfermagem UFPE on line*, p. 7556–7561, 2015. Disponível em: https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1391090. Acesso em: 10 abr. 2025.

DOS SANTOS, E. P. S. A atuação do profissional de enfermagem na área de urgência e emergência: uma revisão bibliográfica. *PUC Goiás*, 2022. Disponível em: https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/5254. Acesso em: 07 mai. 2025.

FERNANDES, Cláudia P.; MOURA, Lucas J.; TEIXEIRA, Aline R. Avaliação e manejo da dor em serviços de emergência: papel da enfermagem. *Revista Dor*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 45–51, 2021.

FERREIRA, João P.; COSTA, Marcos V.; VIEIRA, Talita S. Violência urbana e atendimento de emergência: desafios para a enfermagem. *Cadernos Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 285–293, 2020.

FILHO, L. A. M. *et al*. Competência legal do enfermeiro na urgência/emergência. *Enfermagem em Foco*, v. 7, n. 1, p. 18–23, 2016. Disponível em: http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/659. Acesso em: 27 mar. 2025.

GOMES, Fabiana R.; SILVA, Patrícia C.; OLIVEIRA, Renata T. Intervenções de enfermagem em emergências obstétricas: uma revisão integrativa. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 74, n. 5, e20200512, 2021.

LIMA, Jéssica A.; BARBOSA, Fernanda L.; SANTOS, Hélio M. Atuação do enfermeiro em unidades de urgência e emergência: revisão narrativa. *Revista de Enfermagem e Saúde*, Salvador, v. 12, n. 2, p. 85–93, 2022.

LUCHTEMBERG, M. N.; PIRES, D. E. P. de. Enfermeiros do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência: perfil e atividades desenvolvidas. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 69, n. 2, p. 213–220, abr. 2016. DOI: https://doi.org/10.1590/0034-7167.2016690202i. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reben/a/cz7CGJR6K3DXxXKh9M5cbQP/. Acesso em: 01 abr. 2025.

MACHADO, Larissa P.; ALMEIDA, Renan F.; FREITAS, Camila R. Prática baseada em evidências em enfermagem de emergência: avanços e desafios. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online*, Rio de Janeiro, v. 13, p. 895–903, 2021.

MARTINS, Mariana L.; SOUZA, Carolina R. Humanização da assistência em enfermagem de emergência: uma revisão integrativa. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 73, n. 6, e20190501, 2020.

MENDES, Allan J.; SOUZA, Daniela F. A integração entre urgência e atenção primária: papel da enfermagem na articulação do cuidado. *Revista APS*, Juiz de Fora, v. 22, n. 3, p. 456–465, 2019.

MORAES, Tânia P.; BARBOSA, Luciana D.; SANTANA, Ricardo F. Emergência pediátrica e enfermagem: desafios no atendimento de crianças em risco. *Revista Paulista de Pediatria*, São Paulo, v. 38, p. e2018357, 2020.

MOURA, M. A. A. *et al*. O papel do enfermeiro no atendimento humanizado de urgência e emergência. *Revista Científica de Enfermagem*, v. 4, n. 11, p. 10–17, 2014. Disponível em: https://recien.com.br/index.php/Recien/article/view/68. Acesso em: 30 abr. 2025.

NOGUEIRA, Carla F.; BATISTA, Felipe H.; MENEZES, Júlia P. Tecnologia em enfermagem de emergência: desafios e perspectivas. *Revista Enfermagem em Foco*, Brasília, v. 12, n. 4, p. 754–762, 2021.

OLIVEIRA, Bruna G.; RODRIGUES, Felipe S.; PEREIRA, Lúcia A. A importância do enfermeiro em urgência e emergência: uma revisão de literatura. *Revista Científica de Enfermagem*, Curitiba, v. 10, n. 2, p. 98–105, 2020.

OLIVEIRA, J. L. C. de *et al*. User embracement with risk classification: perceptions of the service users of an emergency care unit. *Texto & Contexto - Enfermagem*, v. 26, n. 1, 2017. DOI: https://doi.org/10.1590/0104-07072017000960014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tce/a/XDNzyykJVC633PFp4zBYPVp/abstract/?lang=pt. Acesso em: 19 mar. 2025.

PEREIRA, Lucas M.; SANTOS, Rosana F. Educação continuada em enfermagem de emergência: revisão integrativa. *Revista de Enfermagem UFPE On Line*, Recife, v. 13, n. 3, p. 874–882, 2019.

RIBEIRO, Débora S.; MOURA, Allan T.; SANTOS, Camila R. Intervenção do enfermeiro na parada cardiorrespiratória: uma revisão integrativa. *Revista Cuidarte*, Bucaramanga, v. 13, n. 1, e1812, 2022.

SANTOS, Juliana L.; MELO, Rodrigo P.; MENDONÇA, Carla A. Gestão de recursos em serviços de urgência: papel do enfermeiro. *Revista Baiana de Enfermagem*, Salvador, v. 34, e36719, 2020.

SILVA, A. M. S. M.; INVENÇÃO, A. S. A. A atuação do enfermeiro no atendimento de urgência e emergência. *Revista UNILUS Ensino e Pesquisa*, v. 15, n. 39, 2018. Disponível em: http://revista.unilus.edu.br/index.php/ruep/article/view/1015. Acesso em: 04 mai. 2025.

SILVA, Daniel F.; LOPES, Marina R.; ANDRADE, Joana C. Impacto da capacitação em suporte avançado de vida na prática de enfermagem. *Revista Enfermagem UERJ*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. e56542, 2021.

SOUSA, K. H. J. F. *et al*. Humanização nos serviços de urgência e emergência: contribuições para o cuidado de enfermagem. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 40, 2019. DOI: https://doi.org/10.1590/1983-1447.2019.20180263. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rgenf/a/PX7vJwFyrRTsVm3jgMk8rRN/. Acesso em: 12 abr. 2025.

SOUZA, Célia M.; LIMA, Rafaela P. Continuidade do cuidado em pacientes críticos: papel da enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 71, n. 6, p. 3123–3129, 2018.